

AMOR, VIOLÊNCIA E SOLIDARIEDADE NO TESTEMUNHO DA ARTE RUPESTRE BRASILEIRA

GABRIELA MARTIN
Universidade Federal de Pernambuco
Bolsista do CNPq

Um casal une suas mãos num gesto delicado de dança, outro protege, carinhosamente, uma criança. Cenas de cópula exibem a posse violenta da fêmea ou o simples ato amoroso milenar. O observador desses testemunhos da perenidade do homem verá, também, figuras com grandes cocares que dançam freneticamente enquanto uma figura solitária ensaia passo de autêntico "balet". Guerreiros, armados até os dentes, se exibirão enfrentando inimigos e junto a eles, figuras hitifâlicas, de desconhecidos membros sexuais parecem querer inculcar nos combatentes a sua força vital, a força identificadora da potência do macho, desde a pré-história até os nossos dias. Grupos de caçadores perseguem emas e veados, outros preparam pirogas, pintadas de diversas cores, para a pescaria ou viagem pelo rio. Araras e tucanos alegram a floresta gravada nas pedras e ao observador não será poupada a nota trágica oferecida pelos corpos dos inimigos derrubados no solo. As cenas multiplicam-se na variedade dos grupos de homens ou mulheres que carregam bolsas, cestas ou potes transportando água ou alimentos; algumas figuras, são singelas na simplicidade de sua nudez pura, outras, cheias de cocares e atributos, mostram o poder da sua hierarquia. Com armadilhas e jaulas, caçadores, na tocaia, aguardam pacientemente o passo da onça. Enquanto a caça e as lutas prosseguem, pequenas figuras adornadas com penas, ensaiam uma dança de roda, onde os participantes seguram-se pelas mãos e são dirigidos por um mestre de cerimônias ostentando longo cocar, em dança ancestral hoje tão nordestina.

O mundo que aparece nas pinturas rupestres da região do Sertão, no Sul do Rio Grande do Norte, é o cotidiano da pré-história.

* Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Nos estudos sobre pintura rupestre pré-histórica, tem-se de signado, geralmente, como rito de iniciação sexual, qualquer tema de conteúdo erótico. Porém, nos desenhos do Seridó, o sexo está representado com uma simplicidade que nada oferece, aparentemente, de ritual: uma figura masculina, por exemplo, deitada no chão, descansa a cabeça sobre o braço esquerdo e masturba-se à sombra de uma árvore; uma outra, de membro descomunal, simplesmente segura-o com ambas as mãos e o exhibe orgulhosa. Menos solitários, casais copulam no meio de uma dança, misturando-se a dançarinos com ramos e folhas nas mãos. Culto à fertilidade ou utilização de plantas alucinógenas, como a jurema, para aumentar o "climax" da dança? Ambas as hipóteses poderão ser válidas.

Quem eram esses, aparentemente, pequenos seres, que em desenhos nunca superiores a quinze centímetros deixaram-nos um retrato tão vivo da sua vida cotidiana? Infelizmente, além do realismo e vivacidade das suas pinturas, pouco sabemos desses primitivos habitantes do Nordeste; onde moravam, que comiam ou que tipo de culto rendiam aos seus mortos, estão nos imprecisos campos das teorias. O que sabemos precisamente é que esses artistas pré-históricos pintaram os abrigos rochosos das serras que circundam os vales do Rio Seridó e seus afluentes, Carnaúba e Acauã, desenhando, com delicadeza e minuciosidade, os detalhes e os fatos mais importantes da sua existência: a luta, a caça, a dança e o amor. Voltavam para suas aldeias, situadas, seguramente, na beira dos rios, sem deixar indícios materiais de sua presença, quase como uma burla ou desafio aos arqueólogos, que tanto os temos procurado, com paciência e não raras vezes com desesperação.

Os desenhos, às vezes finíssimos, foram feitos com pincéis de fibras vegetais, nas cores vermelha, amarela, branca e preta. A riqueza das pinturas e dos temas representados é tal que, apenas em cinco abrigos, copiamos e fotografamos mais de três mil figuras entre antropomorfos e zoomorfos. Outros abrigos com o mesmo tipo de pinturas que designamos de "Estilo Seridó", já foram descobertos e o estudo sistemático dos mesmos certamente nos levará a um maior conhecimento dos nossos primeiros artistas.

Em fevereiro de 1983, o mundialmente conhecido antropólogo Richard Leakey, em conferência pronunciada em Brasília, transmitida via Embratel para trinta cidades do Brasil, desenvolveu uma indagação permanente da Arqueologia, da História e da Filosofia: "O homem é um ser agressivo ou solidário?". Contemplando-se a riqueza de temas

das pinturas do Seridó, ganha brilho e probabilidade a opção otimista de Leakey, pelo homem mais solidário do que agressivo, como construtor de uma sociedade viável. Apesar de que os temas representando lutas sejam numerosos nas pinturas do Seridó, diferenças de atributos e adornos dos protagonistas, indicam grupos humanos de tribos diferentes que lutam pelo seu espaço vital, pelo direito a suas roças e suas áreas de caça; entretanto, os temas que poderíamos chamar solidários dentro da comunidade, são os mais abundantes: renova-se aí nossa esperança na condição humana com pais que cuidam das crianças, recoletores de alimentos que, em grupos, carregam suas sacolas, dançarinos e grupos que integram as caçadas coletivas. Não falta, também, nessas pinturas do Seridó, um tom brincalhão, uma certa alegria de viver que se manifesta indisciplinadamente na grande mobilidade, na quase agitação dos seus personagens, muito diferentes do aspecto estático freqüente na maioria das figuras antropomorfas da arte rupestre brasileira. Muitas das faces das figuras humanas do Seridó, esquematizam perfis em atitude exaltada como se estivessem gritando ou cantando, quando se trata de cenas de dança. Em geral, todas elas retratam grande expressão emocional e, sobretudo, documentam extraordinários movimento e agilidade nas numerosas cenas de dança que se encontram nos abrigos que pesquisamos, destacando-se, principalmente, as relacionadas com árvores ou ramos. No abrigo "Casa Santa" pertencente ao município de Carnaúba dos Dantas, por exemplo, uma figura humana, adornada com grande cocar, ergue os braços sustentando um ramo de árvore e é evidente que essa atitude demonstra ser um personagem importante, cuja hierarquia não é somente assinalada pelo grande cocar, mas evidencia-se por uma fileira de outras figuras que o acompanha na dança. É provavelmente, uma das cenas mais marcantes do abrigo. Cenas parecidas, com pequenas variantes, aparecem noutros sítios: no abrigo Xique-Xique, também em Carnaúba dos Dantas, em uma das mais belas representações do "Estilo Seridó", uma roda de figuras humanas formando pares, gira em torno de uma personagem central, possivelmente mascarada, que sustenta um ramo em cada mão com dignidade e elegância. A dança é freqüente e variada, pois noutros abrigos, várias pessoas dançam em torno de uma árvore e no sítio "Mirador", em Parelhas, belas figuras que dançam em torno de uma árvore, foram pintadas a cinco metros de altura do solo do abrigo. No sítio "Serrote do Gavião", uma figura isolada dança graciosamente sustentando duas araras nos braços.

Não nos cabe o mérito da descoberta dessas pinturas. Apenas iniciamos o seu estudo sistemático e científico. Faz mais de 50 anos

que um sertanejo autodidata, José de Azevedo Dantas, copiou-as pacientemente a lápis, com precisão digna de um desenhista formado e laureado em qualquer boa escola de desenho.

No sertão mágico do Nordeste brasileiro, as coisas mais fantásticas são a realidade cotidiana. Acontecem normalmente no dia a dia, como tem assinalado o escritor Ariano Suassuna. A cobra que voa ou o pássaro que fala, são elementos tão comuns na paisagem nordestina como o mandacará ou o juazeiro, a árvore mágica que não perde a folhagem verde nem na mais cruel das secas. É necessário conhecer as brenhas do Xique-Xique sobre o rio Carnaúba, para compreender-se o fenômeno da existência de José de Azevedo Dantas, nascido e criado lá, figura digna de romance, que aprendera a ler e escrever nas areias do rio, ensinado pelos irmãos mais velhos e que aprendera a desenhar sozinho, copiando caricaturas de jornais ou reproduzindo em papel barato, as figuras da nossa História que ele achava mais dignas. Junto com seu irmão Mamede, inventor e autodidata como ele, obteve das folhas e flores do campo as tintas para iluminar seus desenhos e pinturas. Esse personagem não foi singular somente no desenho: escreverá de punho e letra, um jornal que intitulou "O Raio" e outro "O Momento, jornal dedicado à vida sertaneja", que distribuíra pessoalmente entre seus conterrâneos, com notícias ingênuas e moralistas, da vitória bolchevique ao costume pernicioso à moral, das mulheres cortarem os cabelos. Na mesma medida, acreditava na solução de todos os males deste mundo pela ação benéfica da educação e assim escreveu entre 1913 e 1928. Morreria tuberculoso aos 35 anos.

Do manuscrito de Dantas, felizmente, conservamos uma cópia. Nele estão recolhidos cada desenho dos abrigos do Seridó, alguns deles hoje perdidos por acidentes naturais ou depredação humana. Nas trezentas lâminas do manuscrito, seu autor, com cuidados didáticos, indica junto aos desenhos, o lugar do achado, além de comentários que refletem a pureza dos seus sentimentos sertanejos. Ao iniciar o manuscrito, durante três páginas de fina caligrafia, defende-se de uma improvável vaidade, explicando textualmente: *"Um amigo fallando sobre o meu trabalho pensa leval-o à publicidade, cujo resultado será recompensado pelos poderes competentes, granjeando alem disso o bom conceito do público. Ao contrário do que imagina não levo as cousas por esse lado, pois trabalho apenas para ser útil às minhas pre-occupações e não para angariar sympathia ou juízo favoravel de um público cheio de complexidades. Tambem não me alimenta idéia procurar ser agradavel por cousas que julgo de pouco alcance para mere-*

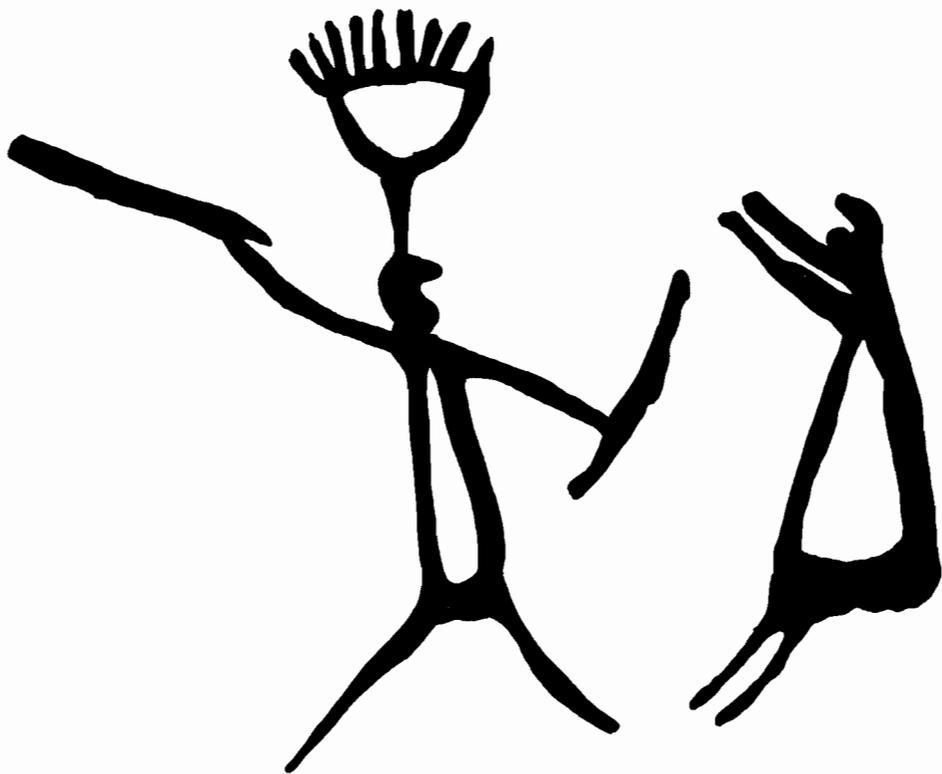
cer lisonjeira reputação. Portanto, se a minha tarefa é já o resultado de um tempo em que, pela dura accção das circunstâncias, vi-me forçado a procurar o isolamento nas selvas, nesse mesmo isolamento devo continuar com o resultado do meu trabalho. De qualquer forma, o tempo urge que empreguemos algum esforço em proveito da humanidade, ainda mesmo que seja na mais insignificante parcella do que pode ser capaz o fator homem".

Foi através desse manuscrito, do diário pessoal e de alguns números dos jornais conservados pela família Azevedo Dantas, ainda residente na cidade de Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte, que nos foi possível iniciar as pesquisas que nos levariam à descoberta de um dos conjuntos pictóricos rupestres mais belos e interessantes do Brasil.

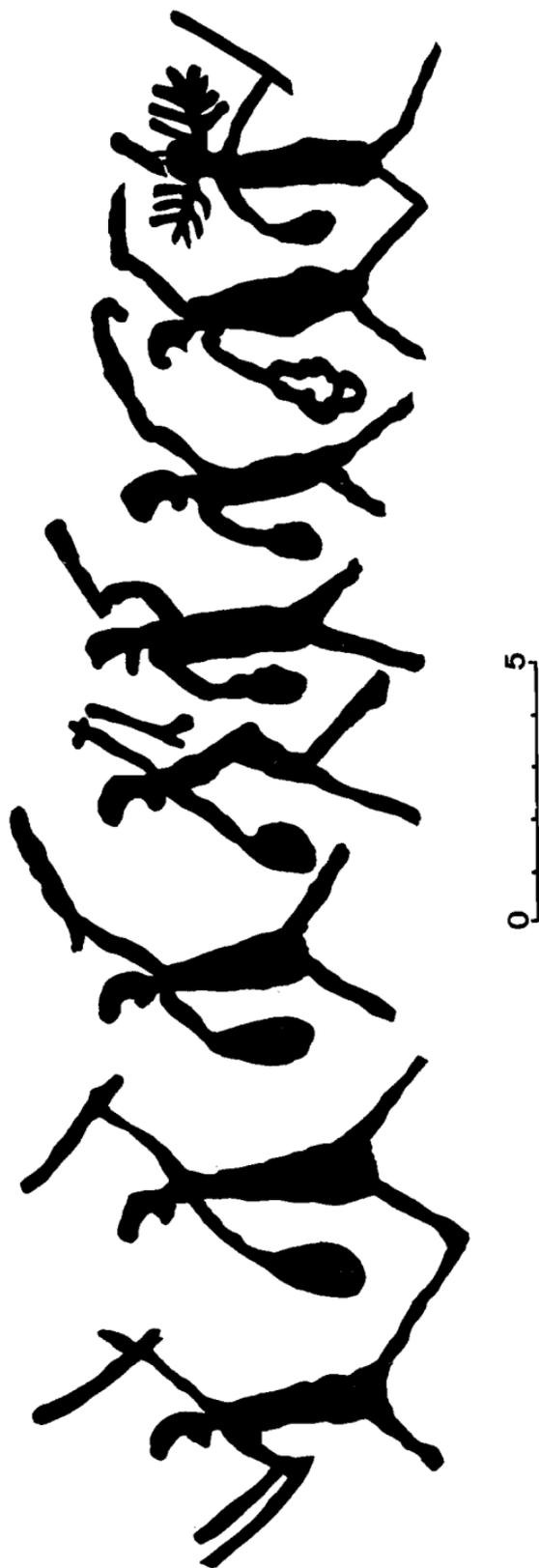
Além do importante e evidente interesse arqueológico e etnológico dessas pinturas, poderíamos perguntar com a ótica do historiador da Arte, qual o seu valor para o conhecimento da Arte primitiva brasileira. No primeiro número da Revista VALBRARTE, o artigo do Prof. Ulpiano Bezerra de Meneses, da Universidade de São Paulo, intitulado "Sobre as mil faces da arte primitiva", deu, por antecipado, a resposta. Diz Ulpiano B. Meneses que "o contato com a arte primitiva está se tornando aberto e enriquecedor", ao mesmo tempo que chama a atenção para a forma preconceituosa com que se trata o termo "primitivo" na Arte, quase sempre a partir de uma perspectiva "eurocêntrica".

Discute-se muito, entre os arqueólogos especialistas no tema, a validade ou não do termo "arte" aplicado à pintura rupestre pré-histórica. Aachamos que toda manifestação estética forma, de uma ou de outra maneira, parte da história da sensibilidade humana e, conseqüentemente, da história da Arte. O pintor que retratou os fatos mais relevantes da sua existência, nas rochas, tinha, indubitavelmente, um conceito estético do seu mundo e da sua circunstância. A intenção prática da sua pintura poderia ser diversificada, variando desde a magia ao desejo de historiar a vida do seu grupo; porém o pintor certamente desejava que o desenho fosse "belo" segundo seus próprios padrões estéticos. Ao realizar sua obra, estava criando Arte. Por outro lado, se as pinturas de Altamira, na Espanha, ou as da Dordonha, na França, são consideradas, indiscutivelmente, patrimônio universal da arte pré-histórica, quando sabemos que, pintadas nas profundidades das cavernas escuras, não foram feitas para agradar ninguém do mundo dos vivos, não há porque duvidar ou negar a

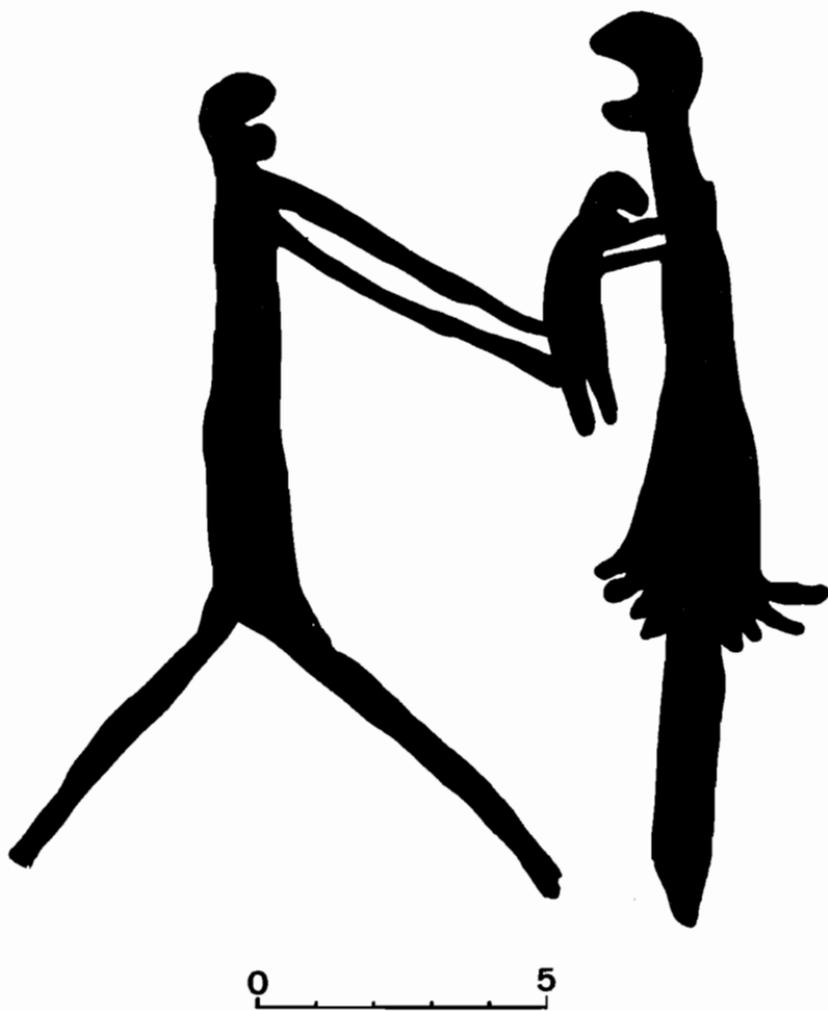
categoria artística das nossas expressivas e graciosas pinturas rupestres do Seridó. No Brasil, a Arqueologia é, esteticamente falando, relativamente pobre, com exceção das famosas cerâmicas de Marajó, de Santarém, e Maracá e alguns objetos singulares procedentes da Amazônia. Daí a importância da pintura nas rochas, uma das poucas manifestações artísticas ou estéticas que nossos índios da floresta tropical e do sertão nos deixaram. Porém os artistas do Seridó não nos deixaram indícios materiais nos sítios das pinturas que permitam à Arqueologia conhecê-los melhor à exceção de alguns enterramentos muito tumultuados, nos quais os defuntos foram queimados e deles restaram apenas contas dispersas de colares de osso e concha marinha. Porém, através do realismo das cenas que se espalham nas rochas, podemos deduzir que conheciam a tecelagem, sugerida nos belos tapetes pintados em variada policromia. Utilizavam a navegação fluvial, com pirogas e remos desenhados em grande quantidade e decorados com desenhos geométricos. Arcos, flechas, propulsores e bordunas, aparecem como armas de caça e guerra. Grande variedade de adornos plumários, pintura corporal e roupas de fibras vegetais eram utilizados. Poderiam conhecer a cerâmica, se interpretarmos como tal os recipientes que muitas figuras carregam, nas mãos ou penduradas numa vara apoiada nos ombros. Pelos adornos e maior tamanho de algumas figuras, identifica-se o chefe do grupo e pelas diferenças das vestes e formas dos cocares, os membros de tribos diferentes. Encontramos, retratada na rocha, uma sociedade que, seguramente, corresponderá a grupos primitivos que possuíam culturas agrícolas baseadas no milho ou na mandioca e que, calcula-se que em torno de 2.000 anos atrás tenham iniciado formas incipientes de agricultura no Nordeste do Brasil.



SÍTIO XIQUE-XIQUE I
CARNAÚBA DOS DANTAS RN



SÍTIO XIQUE-XIQUE I
CARNAÚBA DOS DANTAS RN



SÍTIO LAGEDO, SERROTE DO REINADO
CARNAÚBA DOS DANTAS, RN



SÍTIOS XIQUE-XIQUE I EM CARNAÚBA DOS DANTAS E BOQUEIRÃO
EM PARELHAS RN

